**¿Por que Francisco não decide?**

Completados sete anos de um pontificado que, desde seu início, surpreende o mundo, Francisco não esgota a fonte de sua criatividade. Papa Francisco tem um espírito livre e, sempre se reservou em conservar a liberdade, mesmo diante da dimensão da função que ocupa, no topo da hierarquia da Igreja. Sua história, sua origem argentina, sua formação jesuíta e sua trajetória marcada por incompreensões devem tê-lo ajudado moldar o caráter do homem que, hoje dirige a Igreja, mas que acredito ser o fator mais decisivo de sua pessoa, a espiritualidade. A relação de Francisco com Deus é uma marca muito forte de seu testemunho e que nos pode ajudar a entender o modo como esse homem com o peso da responsabilidade de ser o papa, num mundo em profunda transformação, conduz uma Igreja polarizada e com pessoas tão sedentas de Deus.

Papa Francisco demonstrou sempre que deseja uma Igreja que possa se transformar, se converter. Em seus gestos e palavras, ele tem sinalizado as características dessa mudança. E, é justamente esse sonho de conversão pastoral, em chave missionária, que conquistou o coração de muitos partidários de Francisco, mas que também despertou a reação de muitos opositores. Seu pontificado escancarou uma tensão ideológica no interior da Igreja, que sempre existiu, mas que sempre foi encoberta.

Os anos em que o Papa Francisco está à frente da Igreja coincide com uma série de eventos mundiais e eclesiais paradigmáticos, como por exemplo, esta pandemia do novo coronavírus. O caminho livre da trajetória que Papa Francisco vem construindo em seu pontificado desiludiu grupos existentes no interior da igreja, causando-lhes um sentimento de frustração. Isso porque, esses grupos ideológicos ancorados no interior da instituição, sempre buscaram enquadrar o Papa em suas ideologias: conservador x liberal; progressista x restaurador; capitalista x comunista; esquerda x direita. E como a verdade liberta, nenhum desses grupos se sente satisfeito porque o Papa Francisco está para além desses enquadramentos, unido a única verdade que torna o homem, verdadeiramente, livre: Cristo.

**O que o Papa já decidiu?**

 Existem decisões profundas e irrevogáveis que Francisco já tomou. Certamente, essas decisões o acompanham por toda a vida. Começamos a conhecer melhor sua biografia depois de sua eleição ao papado, daí a razão para que tantas de suas decisões nos causem tanto espanto. Outra coisa importante das decisões, já tomadas por Francisco, é que elas não se dirigem a outras pessoas ou a toda a Igreja, mas para ele mesmo. É para si mesmo que Francisco dirige as convicções pelas quais move sua vida, fruto da sua fé e trajetória na Igreja. Francisco decidiu sim, por viver o que acredita, em ser uma testemunha de Cristo e por respeitar a liberdade de cada pessoa. Por isso, ao ilustrar o que Francisco decidiu, não tratamos de conceitos ideais que ele apresenta como um projeto, mas do testemunho de sua vida, encarnado em seu ministério pastoral, que inclusive, os demais cardeais entenderam, inspirados pelo Espírito Santo, de que ele seria o melhor para conduzir a Igreja.

**Uma Igreja em Saída**

 O conceito, que desde as congregações que antecederam o conclave, sempre esteve cristalino, no ideal de Igreja, para Francisco é o da Igreja em saída. A conversão pastoral em chave missionária é uma categoria que a muito tempo vem sendo desenvolvida no magistério da Igreja. Aparecida contribuiu decisivamente para a consolidação desse conceito.

 Francisco tem provocado por seus gestos e palavras a Igreja a superar o autorreferencialismo, a sair de si mesma, a arriscar-se. Até porque, para Francisco a centralidade da Igreja não está em seu poderio institucional, mas no serviço que oferece ao mundo como sacramento de salvação. A Catolicidade da Igreja para Francisco está na capacidade do Evangelho ser encarnado em cada cultura, por isso, promove a descentralização europeia para agregar as Igrejas mais periféricas do globo, especialmente pela promoção ao cardinalato.

 É importante esse exemplo encarnado, no ministério de Francisco, porque não é resultado de um acontecimento extraordinário adquirido após sua eleição. A Igreja em saída é fruto do que Francisco decidiu ser como cristão. Todos que tomamos conhecimento de sua história, vamos compassadamente identificando esses traços na sua ação pastoral. A Igreja em saída foi plasmada e experimentada nas *Vilas* de Buenos Aires, junto aos padres daquelas áreas pastorais, que Bergoglio sempre entendeu como prioritárias em seu pastoreio.

**Uma Igreja pobre**

Surpreendeu a muitos os gestos do Papa, ao ser recém eleito. Quando, por exemplo, viajou de ônibus com os demais cardeais. Ou ainda, quando voltou ao hotel para pagar a conta. Assim como, quando ligou para o jornaleiro, em Buenos Aires, para cancelar a assinatura do periódico. Esses e outros tantos gestos de uma lista grande revelam a personalidade do homem, que hoje ocupa o mais alto posto de governo, na Igreja.

**Hospital de Campanha**

Francisco já decidiu que a Igreja deve estar no mundo a serviço. Sua primeira viagem como pontífice a *Lampedusa*, foi um sinal claro dessa decisão. Abertura de serviços aos moradores de rua no próprio Vaticano, a criação do Dia Mundial do Pobre, a escolha do esmoleiro pontifício, a busca da reparação das vítimas de abuso, a reivindicação em favor dos refugiados e tantos outros gestos revelam a decisão do Papa.

**Uma Igreja em diálogo e acolhedora**

O Papa Católico busca a comunhão dos cristãos valorizando os Patriarcas do Oriente, os líderes de outras religiões e as pessoas de boa vontade. O Papa acolheu artistas, cientistas, políticos, atletas e, tantas categorias de pessoas. Além disso, o que poderia se dizer das visitas a tantos países de todos os continentes, sempre numa perspectiva de criar pontes, caminhos de diálogo e comunhão?

**O que ainda não decidiu?**

**- A vida das Famílias**

Com o sínodo da família surgiu uma forte tensão, no interior da Igreja, e muita atenção fora da mesma. O caminho sinodal abriu um estilo de discussões, diferente dos sínodos até então realizados. Concluídos os trabalhos do sínodo a expectativa de todos se voltaram para o Papa Francisco na espera da exortação pós-sinodal que é apresentada à Igreja como conclusão desse grande encontro. A publicação gerou uma certa frustração, os que esperavam uma nova legislação sobre o matrimônio, sobre a comunhão dos casais de segunda núpcias e outros temas relativos à família, não se sentiram contemplados. Também, os que defendiam a doutrina como algo imutável e que o Papa deveria confirmar de maneira definitivamente esses temas, bloqueando qualquer possibilidade de modificação, igualmente, se sentiram frustrados. O que o Papa fez foi propor um caminho, incentivar experiências, convidando tratar cada pessoa com amor, misericórdia e justiça, aos modos de Jesus, o Bom Pastor. Enfim, o papa não decidiu.

**A vida dos Jovens**

O sínodo da Juventude causou essa mesma tensão no interior da Igreja e a curiosidade do mundo. O Papa convidou a Igreja a ouvir os jovens e, de fato, eles falaram, nunca se viu algo assim, num processo sinodal, ou seja, tanta mobilização e participação das comunidades. Outra vez, surgiu o que o papa vai decidir para os jovens católicos, que orientações sobre as vocações, o discernimento vocacional e seu lugar na Igreja.

**A Amazônia**

Com certeza, nenhum outro processo sinodal gerou tantas expectativas e tensões como o sínodo extraordinário da Amazônia. Além de posicionar a Igreja diante das grandes instituições globais, na discussão sobre o meio ambiente e a vida no planeta, foi no interior da Igreja que o processo sinodal convulsionou conflitos. Temas variados expuseram fissuras, até então, disfarçadas, mas que se tornaram evidentes. E, ao invés, de tentar sufocar os debates e conflitos, Francisco os acolheu e os assumiu.

E foi assumindo e acolhendo os conflitos, internos e externos ao sínodo, que o processo se desenrolou. Permitiu-se debater e propor temas como: ordenação de homens casado, ordenação de diaconisas, criação de um rito amazônico, ministérios especiais para os povos indígenas e outros tantos. Todos debateram e defenderam suas ideias, mas novamente esperavam que o Papa decidisse tudo, entretanto, outra vez, Francisco frustrou todos os lados que exigiam sua decisão. Francisco, ao invés de decidir, sinalizou seus sonhos para Amazônia, como um caminho para ser assumido junto, como Igreja, não como uma norma imposta.

**O que ele espera que a Igreja decida?**

Vários articulistas têm feito juízos sobre o pontificado de Francisco. Os grupos de linha conservadora, que sempre se opuseram as suas opiniões e propostas, por verem as possíveis mudanças como uma ameaça a tradição e a continuidade da Igreja. Os progressistas sempre muito simpáticos e entusiastas com Francisco, agora acusam o mesmo Francisco de não ter implementado as mudanças que se esperavam. Outros, ainda, como – em recentes artigos (?) Massimo Faggioli – dizem que o pontificado de Francisco chegou ao limite, que por uma série de fatores, já não existiriam condições para esperar mais novidades do governo de Papa Francisco.

 Francisco é uma frustração para os partidários. Bem se expressou Francisco, na *Evangelli Gaudium*, “não cabe ao Papa...”. Ora, Francisco exerce um ministério tão surpreendente para Igreja que muitas coisas podem ter passado desapercebidas para muitos de nós, sendo uma delas, o Papa não querer resolver todas as coisas, na Igreja. Francisco quer uma Igreja sinodal e sua prática expressa essa decisão. Então, embora o Papa Francisco possa decidir em última instância todas as questões eclesiais, ele prefere abdicar desse direito, não fazendo.

**Um sínodo para construir a sinodalidade**

Porque um sínodo sobre a sinodalidade? A decisão de propor um sínodo, no momento em que, sua permanência como pontífice, mais pela idade, do que outros motivos que se sugerem (?). Aos que sugerem que Francisco tenha alcançado o limite das reformas que implementaria na Igreja, talvez não tenham compreendido essa decisão clara da pessoa de Francisco. O Papa não quer decidir pela Igreja, mas quer que a Igreja decida. E o caminho que ele vislumbra para essa emancipação eclesial é o da sinodalidade.

 Ao propor um sínodo sobre a sinodalidade o Papa está apontando aos cristãos a direção para que sejam protagonistas da sua caminhada de fé. A hierarquia, os ministros e as estruturas que existem na Igreja, são meios e não fins, para sua missão. Sinodalidade é o caminho da unidade, que não é uniformidade, mas a capacidade de congregar a diversidade. Os sínodos anteriores trataram de questões específicas, mas, ao mesmo tempo, revelaram conflitos que existem no interior da Igreja, e reconhecer isso, na perspectiva de Francisco não é uma debilidade, mas caminho para construir a unidade:

Perante o conflito, alguns limitam-se a olhá-lo e passam adiante como se nada fosse, lavam-se as mãos para poder continuar com a sua vida. Outros entram de tal maneira no conflito que ficam prisioneiros, perdem o horizonte, projetam nas instituições as suas próprias confusões e insatisfações e, assim, a unidade torna-se impossível. Mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo. «Felizes os pacificadores» (*Mt* 5, 9)! (EG 227).

A unidade da Igreja é maior que os conflitos, que nascem de nossas ideias diferentes. A sinodalidade é um caminho para aceitar e suportar os conflitos, a fé e o diálogo a resolvê-los e transformá-los. Francisco não acredita na decisão de um a quem todos se sujeitam, escondendo seus conflitos. Ele acredita no diálogo que acolhe os conflitantes e que constrói uma nova decisão.

Não é o caminho mais simples. É mais fácil e menos comprometedor ter alguém que decida por nós. Mas, Francisco quer dar esse impulso de compromisso e protagonismo de todos os batizados na Igreja. No Brasil, em 2013, Francisco disse: “O padre clericaliza o povo e o povo pede de ser clericalizado”. A sinodalidade é o caminho para superar a clericalização, promovendo o protagonismo das comunidades. Para decidir no modelo sinodal todos têm que participar, porque as relações são horizontais, as diferenças não são obstáculos, mas complementares.

**Uma Igreja protagonista**

Desde o Concílio Vaticano II avançamos bastante, florescendo nas comunidades experiências belíssimas de criatividade e de protagonismo, no desejo de ser fiel a missão de Jesus. Notadamente, as experiências mais significativas de experiências eclesiais de comunidades protagonistas da missão se deram nas CEBs. Triste, pensar que muitas dessas experiências foram freadas, perseguidas e extintas, por conflitarem com as ideias convencionais de como a Igreja devia ser.

 O momento eclesial parece favorecer outra vez, um tempo de criar, inovar e experimentar. Seria uma leitura limitada atribuir esse momento exclusivamente ao pontificado de Francisco, que com certeza tem favorecido muito. Eventos eclesiais, como a V Conferência de Aparecida, o trabalho das conferências episcopais pelo mundo, os próprios sínodos e, especialmente, o trabalho das comunidades que resistem, criam soluções a limitações - como a falta de ministros ordenados – e que buscam a conversão em chave missionária.

 As novas DGAE 2019-2023 estão nessa linha ao proporem a recuperação do conceito de comunidade. E assim, vamos assistindo os sinais dessa Igreja Povo de Deus, sacramento de salvação no mundo, Igreja em saída se materializando em múltiplas faces, na busca de cumprir o mandato missionário de Jesus: “Ide por todo mundo anunciar o Evangelho” Mc 16,15. Precisamos emancipar os cristãos, precisamos ser protagonistas da missão, precisamos descentralizar e responsabilizar os batizados.

Por tudo, isso creio que o pontificado não atingiu seu limite como sugere *Massimo Faggioli*. Pelo contrário, Francisco tem muito para oferecer à Igreja pelo testemunho daquilo que ele mesmo decidiu e tem vivido. A ressonância de seu serviço à Igreja vai nos provocar por muito tempo. No entanto, dependerá de cada um decidir o caminho que irá assumir. Parece-me que assumir a sinodalidade é um caminho de conversão, assim como, assumir os conflitos interiores como possibilidade de darmos ao mundo um testemunho mais efetivo da vivência do Evangelho. Sinodalidade é uma face mais símile a imagem de Povo de Deus, superando a caricatura da Igreja identificada com templos ou clérigos. Sinodalidade é a Igreja que assume as decisões de sua missão, onde cada batizado pode tomar decisões tão comprometidas com Cristo e com a Igreja, bem como as decisões que Francisco tem dado testemunho a todos nós.

**Fabio Antunes do Nascimento**

**Diocese de Coxim**